

# Utopia e desencanto: Trajetória dos jornalistas na imprensa alternativa gaúcha

Cassiano Scherer

## Resumo

Este artigo é uma síntese da dissertação de mestrado intitulada Utopia e desencanto: trajetória de vida e rememoração na imprensa alternativa gaúcha que analisou as recordações de jornalistas participantes da chamada “imprensa alternativa” no Rio Grande do Sul. A partir dos depoimentos destes jornalistas, estabelecemos uma análise histórico-sociológica sobre o papel que desempenharam com militantes entre o fim dos anos 60 e início dos anos 80 no Rio Grande do Sul.

## Palavras-chave

História do Brasil, imprensa alternativa, jornalistas, utopia

## Abstract

This article is a summary of master's degree dissertation that analyzed the memories of journalist's members of “press alternative” at Rio Grande do Sul. Since testimony of these journalists, we established an analyzed historical and sociological about what they made like militants between the end of years 60 and the beginning of years 80.

## Keywords

Brazil history, press alternative, journalists, history, utopia

## O Jornalismo como vocação

Decorridos 40 anos do Golpe Militar, que derrubou o presidente João Goulart muitas reflexões ainda se fazem presentes. Uma delas é o papel do jornalista e das empresas de jornais ao longo dos 20 anos de ditadura militar, encerrada no período conhecido como “Nova República”<sup>1</sup>. Em nossa dissertação de mestrado<sup>2</sup> abordamos a questão que envolve os jornalistas e seu relacionamento com a “imprensa alternativa”<sup>3</sup>.

A análise da ação destes jornalistas envolveu, inicialmente, uma avaliação sobre a condição social e o ofício do jornalista ao longo da história. Inicialmente esta questão foi trazida pelo sociólogo alemão Max Weber<sup>4</sup> que, nas suas conferências sobre ciência e política como vocações, estabeleceu uma distinção entre o papel do cientista e do político, sendo que este, neste último, Weber o relaciona com a prática jornalística.

Ele utiliza-se de dois tipos distintos de atitudes, as quais chamou de ética da responsabilidade e ética dos valores absolutos (grifo nosso). Na concepção de Weber, esta última é indiferente à questão dos resultados de uma ação com todo empenho possível, não se preocupando com suas consequências, mas somente com os valores que determinam sua conduta. Weber enquadrava os cientistas como seguidores dessa ética.

Já os políticos e também os jornalistas são relacionados pelo sociólogo alemão como os quais que adotam a ética da responsabilidade. Em outras palavras, o sujeito se conduz de forma a efetivar sua responsabilidade pelos seus atos. A pessoa eticamente responsável preocupa-se em primeiro lugar, com as consequências de sua ação na vida de outras pessoas.

Michael Kunczik, ao referir-se a essência da análise de Weber, fez o seguinte comentário:

“...os políticos assumem a responsabilidade por seus atos e avaliam os fins, os meios e os possíveis efeitos secundários comparando-os entre si. Os jornalistas, por outro lado, adotam uma orientação ética de valores absolutos e atuam racionalmente seguindo seus valores, quer dizer, recusam-se a assumir a responsabilidade por suas ações – ainda que falando genericamente – permaneça confuso o que significa exatamente, assumir a responsabilidade.” (KUNCZIK, 1997. p.42)

Max Weber é contundente ao analisar a atuação dos jornalistas:

“Pertence a uma classe de parias que ‘a sociedade’ sempre julga em função de seus representantes mais indignos sob o ponto de vista da moralidade. Daí a razão por que se veiculam as idéias mais estranhas a respeito dos jornalistas e do trabalho que executam.” (WEBER, 1999. p.80)

Segundo Weber, a maior parte das pessoas ignora o trabalho jornalístico, no sentido de prezar como ele é executado, muitas vezes, oposto ao trabalho de outros intelectuais e realizado também por outros intelectuais. Pode-se dizer que a palavra de Weber destaca o jornalista com uma imagem de descrédito perante o público. Esse mesmo descrédito, conforme o enunciado é colocado na visão do público acostumado a ver o jornalista “com um misto de desdém e covardia”. (cf. WEBER. 1999. p.83)

Contundo se por um lado ele estabelece esse ponto de vista, por outro, ele flexibiliza suas idéias ao mencionar que:

“De qualquer modo, a carreira jornalística

<sup>1</sup>Período da história recente do Brasil definido como transição do Governo Militar para o Governo Civil. Iniciou em março de 1985 e terminou em março de 1990 sob a égide de José Sarney.

<sup>2</sup>Utopia e desencanto: trajetória de vida e rememoração na imprensa alternativa gaúcha. Nesta pesquisa que resultou na dissertação de mestrado defendida em maio de 2000 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, entrevistamos quinze jornalistas que trabalharam em jornais alternativos gaúchos entre os anos de 1967 a 1983. O objetivo da pesquisa foi de realizar uma investigação criteriosa que não se limitasse no conteúdo por si, mas que tivesse uma amplitude ao responder a seguinte indagação: “Qual a essência destes depoimentos?”. Através da coleta destes e posterior análise realizamos uma reflexão social e histórica sobre o período em questão.

<sup>3</sup>A definição do que é imprensa alternativa será abordada no próximo item.

<sup>4</sup>WEBER, Max. Ciência e Política: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1999. 11ª edição.

permanecerá como uma das mais importantes da atividade política profissional. Não está aberto, sobretudo, para os caracteres fracos, e menos ainda para os que podem realizar em situação interna de tensões. Se a vida do jovem intelectual está exposta ao acaso, permanece, contudo, rodeada de certas convenções sólidas, que a protegem contra os passos em falso. A vida do jornalista, entretanto, está entregue, sob todos os pontos de vista, ao priorizar em condições que o põem à prova de maneira que não encontra paralelo em nenhuma outra profissão. As experiências freqüentemente amargas da vida profissional correspondem talvez ao aspecto menos penoso dessa atividade. São exatamente os jornalistas de grande notoriedade que os vêem compelidos a enfrentar exigências particularmente cruéis.” (WEBER, 1999. p.83)”.

Embora estas conferências datem do início do século XX, a discussão em torno do tema não perdeu a atualidade. O jornalista enquanto profissional ainda sofre com essa questão, ao deparar-se com sua dura realidade, com a natureza de sua atividade no cotidiano, com as pressões internas e externas, com sua ação política atravancada e, sobretudo com sua proximidade ao poder. Daquela época para hoje, prevalece, em sua essência, uma relação conturbada seja com o público, seja com a sociedade ou com o Estado.

Essa ação resulta em um processo onde as contradições e tensões dos jornalistas, vistas por muitas como “romântica” e que nos últimos tempos vêm sendo submetidas à lógica do capital informação. Um dos estudos que aborda esta visão sociológica da profissão é de Jorge Cláudio Ribeiro. O autor fez uma análise de como é a relação do jornalista no seu ofício cotidiano, com sua

**“O jornalista enquanto profissional ainda sofre (...) ao deparar-se com sua dura realidade, com a natureza de sua atividade no cotidiano, com as pressões internas e externas, com sua ação política atravancada e, sobretudo com sua proximidade ao poder.”**

atividade jornalística.

“Por precisar oferecer os dados devidamente ambientados, o jornalista não é uma testemunha isenta. Através da codificação dos fatos apresentados, a subjetividade das equipes, da direção e dos leitores participa, de forma até conflitada, da construção da notícia. Embora menos rigoroso que a ciência, o saber envolvido no jornalismo é uma forma de produção intelectual.” (RIBEIRO, 1994. p. 10)

Ao analisar esta forma de produção intelectual, podemos cercar-nos da discussão do papel do jornalista como militante. A situação tumultuada que existe entre o jornalista, os proprietários de jornais e os leitores coloca em discussão a construção dos conflitos dentro da realidade própria dos jornalistas.

Idealizado por milhares de jovens que ingressam todos os anos nas diversas faculdades e universidades de todo o mundo, a profissão adquire um status mistificador que, nas palavras de Michel Kunczik:

“...independente, dinâmico e duro, como o detetive particular. Luta imperturbavelmente num cenário de suborno, corrupção, crimes e outros vícios humanos e até fraudulentos. Qual lobo solitário na selva da maldade, do comércio e da política é valente, incorruptível, responsável, humanamente probo e descobre a verdade.” (KUNCZIK. 1999. p. 155).

Esse mesmo status aliado à questão de ser uma profissão romântica e também livre, talvez faça com que o jornalista acabe preso a sua própria ilusão. O excesso de trabalho engessa a sua capacidade de analisar a realidade da profissão e ele acaba se

tornando prisioneiro de sua imaginação, e por conseguinte, adota um atitude de falsa liberdade.

Mas como se efetiva essa ilusão? Podemos enfocar através das condições de trabalho. Como por exemplo, analisemos a opinião de Raimundo Pereira<sup>5</sup> sobre as estas mesmas condições de trabalho no cotidiano:

“Tá cheio de gente cínica fazendo jornal: gente que não acredita em nada. Às vezes, as pessoas trabalham 12 horas por dia, fazendo um jornal que ironiza seu próprio trabalho. Uma forma de autodestruição. Mas no caso dos que trabalham realmente empenhadas, o sujeito começa a querer que aquilo ali represente as próprias idéias. E então, é um movimento onde as pessoas que escreveram têm o direito a decidir sobre o destino do jornal. É tão velho quanto a história da imprensa brasileira.” (PEREIRA, p. 35)

A opinião deste experiente jornalista merece algumas considerações. Na nossa concepção, representa, de forma explícita, o embate entre o capital e o trabalho. Mas também podemos enquadrar a gradativa despolitização do jornalista, que com o passar dos anos, abandonou a sua forma aguerrida de trabalhar e enveredou para um perfil mais pragmático de atuação.

O envolvimento do jornalista com seu ofício têm um fundo histórico. A partir do século XIX, com o início da mecanização da imprensa e da ampliação dos interesses econômicos, com o aperfeiçoamento do capital, o jornal torna-se uma empresa e também ruma para o que se denomina de “interesses estranhos e que procuram influência-lá” (Cf.HABERMAS, p.22). O jornalismo deixa de ter um caráter mais literário e idealista. Passa sim, a ter um

status de empresa inserida dentro do capitalismo, ou seja, buscar o lucro. Neste caso, a autonomia do redator acabou sendo reduzida, embora ainda a visão mercadológica não esteja dominando totalmente a empresa. A respeito deste assunto, o mesmo Raimundo Pereira comenta:

“A figura clássica do jornalista é aquela que se escrevia, rodava e saía à rua distribuindo o jornal. Esse é o jornalista. Só depois, com a transformação disso tudo em empresa, com a divisão do trabalho e a conseqüente alienação do sujeito que fazia o trabalho em si, é que surgiu esse absurdo: de um lado, o dono do jornal, do outro as pessoas que escrevem e que colocam as idéias, que criam as coisas, surge a relação em que o dono do jornal é também o dono da capacidade de imobilizar as idéias das pessoas para seus interesses. Claro que essa coisa não é assim tão absoluta: o dono precisa dar certa liberdade para o jornalista criar. E por isso, muitas vezes surge a impressão de equipe. Embora essa relação de propriedade, lá no fundo dos cartórios, nos documentos para polícia, no grosso, no lucro da coisa tá perfeitamente clara. Tem um dono e ele tem a palavra final, né?” (Idem. p.35)

Essa opinião de Pereira conduz para um debate sobre as condições de produção, que acabam sendo influenciadas pela tecnologia. A partir da consolidação desse processo capitalista da notícia, efetivado a partir do final do século XIX, há uma transição no contexto profissional do jornalista. Gradativamente, o seu cotidiano é modificado: ao invés de ele ditar as regras, acaba sendo incorporado por uma realidade mais sofisticada, em que a produção industrial é quem dita as regras.

Michael Kunczik detalha este tópico:

<sup>5</sup>Em termos de Brasil, ele foi um dos principais jornalistas a integrarem a chamada “imprensa alternativa”. Pereira integrou a equipe inicial do jornal Opinião em 1972 e posteriormente foi um dos idealizadores e fundadores do jornal Movimento em 1975.

“As condições materialistas de produção impõem as condições de trabalho jornalístico na sociedade capitalista de classes, segundo os marxistas”. Os jornalistas se encontravam em uma condição geral de abnegação do produto material, os jornalistas ligaram-se a classe governante. Costumava-se dizer que os jornalistas se acomodaram; ainda que não façam parte da classe governante têm a tendência de adotá-la e reproduzir suas opiniões. Os jornalistas são considerados como trabalhadores assalariados dos meios de comunicação, que escrevem em benefício dos empresários. Atribuindo-se aos jornalistas uma consciência alienada que se reproduz perpetuamente sob a pressão dos editores. Segundo este argumento, as condições de produção penetram na alma dos jornalistas.” (KUNCZIK, 1999. p.81)

Pela essência dessas manifestações, podemos compreender melhor por que o romantismo profissional foi tragado pela profissionalização exigida do processo de industrialização dos meios de comunicação. Como tudo gira em torno da produção, o jornalista é envolto na rotina de trabalho e, com isso, sua atividade torna-se uma função burocrática, como explana Cremilda Medina:

“...o profissional assalariado – em geral nas grandes empresas jornalísticas ou nas assessorias de imprensa promovidas pelo aparato estatal ou das multinacionais da indústria – é em geral um sujeito de estreitas preocupações com seu dia-a-dia aprisionando suas rotinas de trabalhos semelhantes às de qualquer bancário ou burocrata.” (MEDINA, 1982. p.90)

Importante lembrarmos a análise de Roberto Schwarz<sup>6</sup> (apud RIBEIRO, 1994.

p.52) que ao misturar a modernidade tecnológica importada do primeiro mundo com o subdesenvolvimento cultural e gerencial resulta em um triplo discurso: contrapondo-se ao escravismo, as elites brasileiras do século XIX adotaram o modelo liberal europeu. Assim, as técnicas econômicas sobreviveram ao modelo econômico do século passado. Ao fazer uma leitura atualizada deste mesmo modelo, Jorge Ribeiro menciona “que a elite atual dos meios de comunicação constrói um discurso calcado na modernidade tecnológica e na prática do favor: seu objetivo é aliciar seus trabalhadores e exibir uma imagem pública moderna” (RIBEIRO, p.52).

A prática relatada pelo autor, estabelece o que efetivamente acontece nos dias de hoje em termos de organização jornalística. A cooptação é cada vez mais corriqueira num momento como o atual, quando os rumos da sociedade são estabelecidos em cima de projetos econômicos. Novamente é Jorge Ribeiro quem sintetiza esta forma de atuação do jornalista:

“Forçados a atuar na dependência do favor governamental e/ou lógica comercial e empresarial, os trabalhadores da área cultural tiveram dificuldade em construir uma visão crítica com a modernidade. Os intelectuais orgânicos da grande imprensa adotam métodos de gestão e uma razão ornamental que são estrangeiros à sociedade brasileira e encobrem os problemas resultantes da imposição capitalista.” (RIBEIRO, 1994. p.52)

Quando os jornais denominados “alternativos” iniciam sua proliferação no pós 68, é justamente um contraponto a este tópico mencionado por Ribeiro. Esse autor contextualiza seu estudo, analisando a relação do jornalista no interior de dois

<sup>6</sup>SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor, as batatas. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

principais jornais do país: O Estado de São Paulo e a Folha de São Paulo. Jornais estruturados como grandes empresas e, portanto, opostos ao que abordamos no nosso estudo.

### **A trajetória da imprensa alternativa no Brasil**

Com a decretação do Ato Institucional número 5, em dezembro de 1968, o Brasil entra no período mais acirrado da Ditadura Militar. Durante cerca de dez anos, o país foi governado por instrumentos de exceção como a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Imprensa (que vigora até hoje) e a censura prévia aos meios de comunicação. Como consequência, a articulação política e a produção das notícias que até então gozava de relativa liberdade apesar dos já quatro anos de existência do Golpe de 1964, a o exercício da liberdade de imprensa acabou sendo restringida de forma implacável.

É neste período conturbado, que começam a proliferar jornais que buscam contestar o regime vigente. Eles recebem diversas rubricas como “nanicos”, “Imprensa paralela”, “independente”, “política”, “opinativa” e alternativa e passam a serem notados por aqueles que viriam a ser seu público preferencial: setores da classe média que apoiaram o Golpe de 1964 e que acabaram desviando-se para um caminho oposto: o de contestar o próprio regime. Atitude esta, motivada principalmente pela crise do “milagre brasileiro”, a partir de 1964.

O nome preferencial acabou sendo “alternativa”, conforme análise do professor Bernardo Kucinski e que evoca o contexto da gênese destes jornais:

“Em contraste com a complacência da gran-

**“...a articulação política e a produção das notícias que até então gozava de relativa liberdade apesar dos já quatro anos de existência do Golpe de 1964, a o exercício da liberdade de imprensa acabou sendo restringida de forma implacável.”**

de imprensa para com a ditadura militar, os jornais alternativos denunciavam sistematicamente as torturas e violações dos direitos humanos e faziam a crítica do modelo econômico. Inclusive nos anos de seu aparente sucesso, durante o Milagre Econômico, de 1968 a 1973, destoando assim do discurso triunfalista do governo ecoado pela grande imprensa, gerando todo um discurso alternativo. Opunham-se por princípio ao discurso oficial.” (KUCINSKI, 1991. p.XIII)

Esta análise de Kucinski nos remete ao estudo de Sérgio Caparelli, que também aborda o mesmo tema. Em um capítulo do seu livro, ele explora a relação destas publicações com a classe média brasileira, pois foi ela quem apoiou o golpe em 1964 e dez anos depois reverteu sua posição ao ver suas benesses através do “milagre econômico” declinar.

Para Caparelli, o período para a classe média e classe trabalhadora:

“Significou a criação de informação para a expressão de segmentos da classe média e para ela, visto que canais de expressão do trabalhador brasileiro, que não lê os jornais e só mais tarde surgiram as frestas das assembléias democráticas, das greves, das concentrações. Tinham em comum, serem ambos meio de comunicação restritos, pois também a imprensa alternativa não era massiva. O estilo, o rebuscamento das expressões, os assuntos, o conteúdo, enfim faziam da imprensa alternativa, produto de intelectuais, ou atingindo apenas a vanguarda dos movimentos sociais.” (CAPARELLI, 1986. p.47)

O que Sérgio Caparelli menciona é de que o trabalhador brasileiro pelo seu baixo poder aquisitivo e sua falta de formação

cultural, teve nas greves e assembléias que surgiram com força, o seu canal de expressão legítima e não na imprensa. Ocorria uma definição referente a um tipo de público aos quais os jornais alternativos deveriam direcionar-se editorialmente. Delfim Afonso Júnior, na sua pesquisa sobre o público dos jornais alternativos revela o perfil deste:

|                                           |               |
|-------------------------------------------|---------------|
| Profissionais<br>(37,5%)                  | Liberais..... |
| Estudantes.....                           |               |
| (15,6%)                                   |               |
| Professores.....                          |               |
| (13,4%)                                   |               |
| Bancários.....                            |               |
| (4,6%)                                    |               |
| Operários.....                            |               |
| (2,7%)                                    |               |
| Outros.....                               |               |
| (20,2%)                                   |               |
| (AFONSO JÚNIOR 1982. p. 229) <sup>7</sup> |               |

Este autor coloca que além desta indefinição editorial referente ao público pelo quais os jornais deveriam direcionar-se, pelo resultado da pesquisa, predominavam os representantes da classe média como profissionais liberais, professores, jornalistas; enquanto que operários ficavam no último lugar. Seu questionamento é exemplificado pela opinião de dois jornalistas, que entrevistou e foram participantes da imprensa alternativa. Eles divergiam quanto à linguagem possível de ser adotada: um defendendo um jornal popular com vocabulário acessível e o outro defendendo uma linguagem mais refinada, direcionada para um público mais qualificado. Diante desse quadro:

“...pode-se concluir que, a indefinição quanto

à linha editorial e quanto ao papel do jornal acarreta inevitavelmente o distanciamento entre jornalistas e leitores. Denota que se faz um jornalismo baseado nas inferências sobre demandas, interesses e aspirações desse público que não resultaram de um conhecimento da realidade. Não é também de se estranhar que um dos editores tenha afirmado: “Toda discussão emperrava devido à questão do público. Cada posição sonhava um jornal e um público.” (Idem, 1982. p.229)

A partir desta constatação, Delfim Afonso Júnior evoca essa questão como sendo a falta de intercâmbio entre os jornalistas e seus leitores que integravam o universo da imprensa alternativa. Ele menciona, no seu estudo, que houve uma reprodução dos mesmos mecanismos da forma tradicional de jornalismo, pois o alternativo não conseguiu realizar canais de respostas – feedback – para os leitores. Chega a essa conclusão ao citar duas pesquisas de opinião realizadas a pedido de dois jornais alternativos. Opinião em 1974 e Pasquim no final de 1977. Em ambas as pesquisas, a preocupação restringia-se ao perfil sócio-econômico do leitor, não ampliando outras questões como “a melhor adequação da linguagem, ao método apropriado da coleta, tratamento e edição das matérias à íntima relação entre esse método de informar e as especificidades dos públicos, etc” (Ibidem, p.232).

Estas são algumas das contradições que percebemos ao longo do estudo a respeito dos jornais alternativos. Um outro tópico que cabe destacar é sobre o repúdio que essas publicações tinham ao lucro, embora estivessem inseridos no processo capitalista de produção da informação. De acordo com José Luiz Braga:

<sup>7</sup>Estes dados foram extraídos da dissertação de mestrado de Delfim Afonso Júnior denominada Alternativa jornalística x poder editorial – Uma abordagem dos jornais político-culturais no pós 68. O pesquisador analisou cinco publicações: Pasquim, Opinião, Movimento, Em Tempo e Versus. Ele não faz menção de quais destas cinco publicações serviram de base para o levantamento destes dados.

“A produção em pequena empresa, além da conjuntura que impede seu crescimento, indica o papel secundário do lucro na tomada de decisões dos jornais alternativos dos anos 70. Ao mesmo tempo, porém, eles devem sobreviver como empresa, diferentemente dos jornais militantes.” (BRAGA, 1991. p.229)

Apesar dessas duas indefinições – de cunho mercadológico e editorial – não podemos deixar de ressaltar que essas publicações tinham bastante a fazer em termos históricos e sociais. Depois da decretação do Ato Institucional nº 5, o núcleo de resistência democrática que ainda existia é jogado praticamente para a clandestinidade. São poucas as alternativas: os mais radicais rumam, como mencionamos acima para uma situação de clandestinidade, via luta armada e acaba sendo torturado ou morto. A outra alternativa é fugir do país, exilando-se em algum país da Europa ou da África. No meio desta efervescência, apesar da situação difícil, o contraditório é justamente o terreno fértil em que os jornais alternativos proliferam-se de forma espantosa. E no bojo desta situação, o novo momento para jornalistas que optam em serem militantes da imprensa alternativa. No pós 68 até o final dos anos 70, proliferam diversos jornais, tanto de circulação nacional<sup>8</sup>, quanto em termos regionais<sup>9</sup> com esta proposta.

O jornalista Álvaro Caldas fez a seguinte análise conjuntural a respeito dessa temática:

“Os ventos que sopraram nos anos 60 espalharam sonhos, desejos e utopias, que a imaginação, a criatividade e o fervor ideológico transformaram em ousados projetos que buscavam ultrapassar os limites. Esta cultura de engajamento, de incentivo à rebeldia e a transgressão contaminou a arte e

política, deu asas às vanguardas, mitificou metralhadoras e drogas, uma geração inteira de mochileiros e guerrilheiros. A dar consistência teórica a este embalo apocalíptico, a certeza fundada no determinismo que a História ia em marcha acelerada rumo ao socialismo. Uma história vista assim, desenvolvendo-se em linha reta na direção do progresso, deu no que deu, na proliferação de ditaduras. Houve o primeiro tranco em 64, mas não se acreditava ainda que aquele golpe tivesse fôlego para permanecer. A aceitação da derrota foi um processo dolorido que só vai consumir no início da década seguinte.” (CALDAS, p.11)

É a partir desse panorama que a imprensa alternativa começa a tomar forma, mais precisamente a partir da decretação do Ato Institucional nº 5 e conseqüentemente acirramento da luta política. Na concepção de Caldas, a imprensa alternativa passou por dois momentos distintos. No primeiro, adotou características de ser panfletária e sectária, e ter como tarefa principal organizar a resistência ao Golpe de 1964. Já, num segundo momento, com o término da luta armada, ela passa a ter um status não somente de resistência à ditadura, mas de formação de uma frente ampla com “novas forças se aglutinam, buscando uma maior legitimidade dentro da sociedade.” (Idem. p.11)

Neste caso, especificamente, por ser o início do Governo Médici, as formas de resistência pelos caminhos democráticos eram praticamente nulas. Assim, se as instituições partidárias estavam totalmente engessadas, a imprensa acaba sendo uma maneira de marcar posições político-ideológica.

Nas palavras de Afonso Júnior, o que ocorreu:

<sup>8</sup>Em nossa opinião, os mais importantes em nível nacional foram: Pasquim (surgido em 1969), Opinião (que aparece em 1972); Movimento (1976); Coojornal (1976) e Versus (1977).

<sup>9</sup>Em termos regionais vários Estados se destacaram. No nosso estudo, especificamente, apontamos os surgidos no Rio Grande do Sul.

No contexto histórico em que concentramos nossos estudos o jornal Exemplar, publicação que surgiu em 1967 e durou até 1973. Em abril de 1971, surgiu Pato Macho, inspirado na irreverência do Pasquim. Teve apenas quinze exemplares editados. Mais tarde, aparecem Risco (1974), Semanário da Informação Política (1975), Triz, Lampião, Peleia, todos de 1976. No ano seguinte, surge Tição, publicação voltada para o Movimento Negro. Por fim, nos anos 80, surge Denúncia. Mas não podemos deixar de mencionar o já anteriormente citado Coojornal, o mais importante jornal mensal alternativo surgido no Rio Grande do Sul., e como falamos anteriormente, um dos mais importantes do Brasil.

O nome era homônimo a sigla da Cooperativa de Jornalistas de Porto Alegre, entidade que surgiu em 1974, ano da abertura política.

De uma simples prestadora de serviços, chegou a editar uma dúzia de boletins empresariais, uma revista voltada para o meio rural, além do próprio Coojornal, jornal mensal editado pelos jornalistas cooperativados. De todas estas publicações, a única que chegou a ser conhecida em grande parte do país foi o mensário. As outras tiveram até certa notoriedade em termos regionais, mas muito

pequena se comparada com a

imagem que a cooperativa e a sua famosa publicação alcançou. “Do exemplo da Coojornal, surgiram em 1977, quatro novas cooperativas de jornalistas: a Copjornal, de Londrina, a Jornacoop, em Santos, a Comcisa, em Salvador e a Coojornat, em Natal.” (Cf. KUCINSKI, 1999, p.67)

<sup>10</sup>Por uma questão metodológica e ética, assim como na dissertação, optamos neste trabalho por utilizar o nome inicial dos entrevistados e não seu nome por inteiro.

“Esses grupos e indivíduos levaram para o interior dos jornais que iam sendo fundados toda uma série diversificada de experiências, comportamentos, aspirações, que era o fruto de suas trajetórias políticas e profissionais. As diferenças iriam moldar ali, de modo complexo e contraditório, um fenômeno que os próprios participantes autodenominaram e assumiram como sendo a imprensa alternativa.” (AFONSO JÚNIOR, p.255)

### **Da utopia ao desencanto**

Ao nos remetermos às entrevistas com os jornalistas ou ex-militantes que se articularam em torno da imprensa alternativa, percebemos que para eles, o passado é visto como uma experiência romântica, mas simultaneamente, ele é sujeito a uma conscientização política que critica esse romantismo. Havia certa consciência política de que se deveria resistir à ditadura militar. Esta consciência política, porém, não é estranha à experiência romântica. Pelo contrário, ela convive com as pessoas que agem romanticamente, no caso da imprensa alternativa.

Na nossa concepção, a idéia de ligar o conceito de romantismo ao advento do capitalismo é, na sua essência, o que rege a contradição entre ideologia e realidade. Com a transformação das empresas, não somente jornalísticas, mas de outras mídias como rádio e televisão, em grandes complexos industriais, os fatores gerenciais fizeram com que a capacidade do jornalista se articular nas frentes amplas, que já era exígua, ficou praticamente nula.

“Os anos 60 e 70 são considerados o momento da consolidação da Indústria Cultural no Brasil. Experiências anteriores não foram

inteiramente bem sucedidas em função de seu caráter marcadamente local, decorrente do capitalismo incipiente. Para implantar-se, a Indústria Cultural apoiou-se no Governo Militar, integrador de valores e capaz de impor a padronização cultural sobre um mercado atomizado.” (RIBEIRO, p. 42)

Conforme a observação de Ribeiro, da qual partilhamos, o perfil do jornalista é assim descrito:

“Os profissionais eram obrigados/estimulados a usar a criatividade e sua paixão, como alibi para compensar a precariedade e o personalismo da gestão dos capitães da Indústria Cultural. Sobre essa base, formou-se um profissional de perfil oportunista, repetitivo, que não valorizava a inspiração e o talento.” (Idem. p.43)

Esse perfil corresponde, na sua grande maioria, aos jornalistas que trabalhavam nas grandes empresas de comunicação. É a situação do jornalista naquele momento histórico que sofreu uma série de influências e que determinaram a qualificação desse perfil. O contexto pode ser assim definido através de “um modernismo sem modernização” (Cf. Ribeiro). Assim, a ação da ideologia burguesa instrumentaliza a ação do capitalismo para seus próprios interesses e verifica-se uma concentração dos meios de comunicação, juntamente com um processo excludente de grande parte da população. Acrescente-se a esse quadro, o papel da Ditadura Militar que dá sustentação a esse modelo.

A forte essência romântica na construção da identidade do jornalista entra em choque com o momento vivido de então. Em outras palavras, o fato de se submeter a lógica comercial e à repressão do Estado, consistia “no emaranhado das contradições

vividas pelos românticos, uma delas pode passar por fundamental: a contradição entre ideologia burguesa e a sua prática” (Cf. LEFEBVRE, p.340).

Essa contradição foi percebida em nossas entrevistas. O depoimento de um dos entrevistados, J.F.<sup>10</sup> explica muito bem isso:

“Eu acho que foi uma espécie de reação por sufocamento da imprensa normal, da grande imprensa brasileira que levou outras pessoas a tentarem caminhos diferentes. E também foi uma questão ideológica: as pessoas queriam fazer alguma coisa, era um tipo de reação, assim como Chico Buarque foi de fazer canções de protestos, como tanta gente foi presa, foi para a luta armada. Diretores de cinema e de teatro fizeram isso. Então o jornalismo não era uma coisa isolada, enfim, foi isso aí. Eu não consigo entender em relação a que? Digamos que fosse salvar o mundo, salvar o Brasil, eu não vejo isso como romantismo, acho que foi uma coisa de reação contra o autoritarismo. [sic]” (J.F. Entrevista em 28 de setembro de 1998)

Ao referir-se sobre a reação de não ter sido apenas de jornalistas, mas também de artistas intelectuais, o depoente faz nos lembrar, o que mencionou Delfim Afonso Júnior na sua dissertação: que a poesia, o teatro e o cinema marginais juntaram-se aos jornalistas e ensaiaram uma reação. Contudo estas manifestações artísticas por não estarem com um aparato mais evoluído que a imprensa, não conseguiram se sustentar ao longo desse processo. Por outro lado, se compararmos com o cinema, teatro e todas essas manifestações culturais podemos afirmar que a imprensa alternativa teve um relativo sucesso, pois sua duração não foi tão efêmera quanto o cinema, o teatro e a poesia marginais.

E.C. compartilha com J.F. a respeito das atitudes. Ele refuta a idéia que a participação de jornalistas na constituição de uma imprensa alternativa foi romântica:

“Dentro do ponto de vista político tinha duas palavras que eram praticamente palavras para nós: idealismo e romantismo. Eu acho que foi romântico, até mesmo idealista, mas era uma questão de militância, que eram bem organizados, que trabalhavam dentro de uma realidade. (...) Então assim, na época não tinha nada de romantismo, tinha sim, resistência e enfrentamento, tanto que em determinado momento eles passam a explodir bombas nas bancas que vendiam jornais da imprensa alternativa. Eu acho que teve muito sonho, mais relacionado com a área do comportamento, que não era tão política, ortodoxalmente. (...) Jornais como ‘Flor do Mal desbundados, [grifo nosso]’<sup>11</sup> que não tinham uma vertente política forte mas trabalhavam outros campos do comportamento que eram importantes. [sic]” (E.C. Entrevista em 13 de outubro de 1998)

Alguns dos jornalistas entrevistados, além de não considerarem o período analisado como de conotação romântica, responderam à questão de forma a relacionar o passado como a adoção de um raciocínio envolvendo a profissão. O jornalista J.B. afirmou:

“Havia uma situação política muito clara. O estuário da luta democrática tinha se institucionalizado. Havia esta questão política muito clara de romper a ditadura com todo o projeto político, com toda a pauta política. A Anistia, as Diretas Já. Depois, mais tarde, a Nova República. Toda esta pauta estava em questão. Havia uma hegemonia muito grande dessas idéias no conjunto da

<sup>11</sup>Desbundado é um termo muito em voga na época. Significa um sujeito alienado e apreciador de drogas alucinógenas.

sociedade. Mesmo os indivíduos isolados expressavam esse desejo. Sem falar das entidades organizadas. Havia uma hegemonia política dessas idéias pela redemocratização e na forma que era para a Anistia, pela reconstitucionalização do país, pelas eleições diretas. O jornalismo é muito político, todo o jornalismo é político, não importa o lado. Sempre é um lado político, o ato da informação jornalística. Ele não tem a neutralidade científica, ele atua, ao contrário da ciência que não tem uma atuação imediata. O jornalismo atua sobre o acontecimento. Quanto mais interativo, mais político ele é. Então, é claro, que nesses momentos, de alta dose de politização da sociedade, ele também sofre a mesma taxa de politização. [sic]" (Entrevista J.B. em 23 de novembro de 1998).

O entrevistado menciona fatores sociológicos que impeliram o jornalismo para um processo de alta qualificação em contraste com uma alta taxa de despolitização da sociedade naquele contexto histórico, que era a distensão política gradual e controlada, pois "a saída encontrada para corrigir disfunções geradas no regime autoritário que estavam levando a uma inexorável perda de coesão no sistema político" (DUARTE, 1987, p.60).

Importante ressaltar que a menção a esse contexto histórico refere-se ao início do Governo do General Ernesto Geisel, em março de 1974. Naquele momento, a principal preocupação desse governo era articular uma sofisticada engenharia política que permitisse sair de um regime político extremamente repressivo como estava sendo até então. Alertado pelo cientista político e professor da Universidade de Harvard, Samuel Huntington, um especialista em políticas de países em desenvolvimento e de militares, o governo militar brasilei-

**"...o fato mais importante foi a consolidação da televisão *Globo* como emissora líder de audiência."**

ro um documento no qual alertava para a possibilidade de ocorrer um efeito explosivo se caso o processo de abertura política não ocorresse naquele instante histórico.

Neste contexto, havia a preocupação de promover uma maior participação dos chamados "órgãos intermediários", como entidades da sociedade civil e cuja sua reintegração a vida política voltava lentamente. Também havia uma preocupação em fortalecer o Congresso Nacional e os partidos políticos, obter a maior participação do eleitorado, preocupação em fortalecer o Congresso Nacional e os partidos políticos, obter a maior participação do eleitorado, preocupações oriundas das idéias do General Golbery do Couto e Silva. É importante ressaltar que a classe média vivia sob a égide do milagre brasileiro, onde os grandes jornais (ou jornais - empresas) alimentavam a visão triunfalista da política econômica do governo anterior, do General Emílio Garrastazu Médici. Quantos aos meios de comunicação em geral, consolidavam-se os grandes projetos jornalísticos como a revista *Veja* do Grupo Abril e o *Jornal da Tarde* do Grupo Mesquita, ambos concebidos pelo jornalista Mino Carta. Mas o fato mais importante foi a consolidação da televisão Globo como emissora líder de audiência.

Quando o general Ernesto Geisel assume a presidência da República, uma das suas prioridades é retirar a censura prévia a determinados órgãos de imprensa. Este era uma das estratégias do processo de Abertura Política. Tendo o mesmo general Golbery com estrategista, o processo era de sensibilizar os principais proprietários de veículos impressos no país para que eles fossem avalistas do processo de Abertura Política.

No entanto, o processo sofreria um abalo

no ano seguinte, quando em 25 de outubro, o jornalista Vladimir Herzog é encontrado morto no DOI-CODI de São Paulo. Diretor de telejornalismo da Televisão Cultura de São Paulo, a morte de Herzog resulta no aprofundamento das cisões entre governo e sociedade e dentro do próprio governo<sup>12</sup>. Mas o mais importante deste episódio é que inicia a derrocada da Ditadura Militar. Audálio Dantas, presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, liderou o protesto na Missa de Sétimo Dia em memória do jornalista assassinando. Ele relata que:

“Havia um momento psicológico insuportável. A sociedade não agüentava mais o represamento da falsidade e da mentira que cada um carregava. E os jornalistas são uma antena sensível da sociedade. Todo mundo sabia, entre os jornalistas conscientes, que havia tortura, maus tratos, assassinatos, acidentes forçados, afogamentos de encomenda, prisões ilegais, seqüestros...” (DANTAS, 1997. p.139)

Se a morte de Herzog fez com que aumentasse esse desprendimento dos jornalistas, embalados pelo processo de Abertura Política, a partir de 1977, essa efervescência, que acontece de maneira empolgante, é arrefecida por uma questão conjuntural:

“Muitos jornalistas e intelectuais já haviam abandonado os jornais alternativos, cansados das discussões em código, encenações para legitimar decisões previamente acertadas no âmbito dos grupúsculos ou partidos. As novas frentes de luta da sociedade civil também reabriram outras oportunidades para intelectuais e cientistas sociais. E conforme a abertura prossegue, a grande

imprensa chama de volta alguns dos jornalistas protagonistas da imprensa alternativa (...) Abre-se uma fase em que há cada vez mais ativistas e menos jornalistas e intelectuais nos jornais alternativos portadores de projetos nacionais.” (KUCINSKI, 1991. p.108)

É neste panorama que a imprensa alternativa começa a perder sua capacidade de articulação, ou seja, ela já não conta com um elemento que foi fundamental na sua constituição: a capacidade de articulação das linhagens de jornalistas e que originou as publicações já mencionadas.

Apesar de ainda viver sob o regime militar, o panorama político e social com o final do governo Geisel e o início do governo Figueiredo, tiveram uma sensível mudança no aspecto democrático. O momento político é mais arejado, pois o Brasil já vive novos tempos com a Abertura Política: as greves são permitidas, a anistia é concedida e com isso muitos exilados retornam. Com isso, a vida política, até então restrita ao arcaico bipartidarismo, é revigorada.

Um pouco antes, a grande imprensa, que até então vivia sob a égide da censura é liberada e passa a veicular matérias que, até então, somente eram lidas em jornais pertencentes a imprensa alternativa. Mais do que isto: a primeira adota métodos de atuação jornalística que eram exclusivos da imprensa alternativa. Este ciclo inicia em 1976, quando Mino Carta é forçado a pedir demissão da revista *Veja* e funda sua própria revista, a *Istoé*. E continua no ano seguinte, quando o jornalista Cláudio Abramo, inspirado na plataforma editorial dos alternativos, lança a base do Projeto Folha – reformulação editorial do jornal *Folha de São Paulo* – que com uma leitura mais crítica atrai leitores cativos da imprensa alternativa. Contudo, o próprio

<sup>12</sup>O Governo Militar foi marcado por uma divisão interna entre a ala progressista denominada de Castalista (considerados os intelectuais) e a Linha Dura que utilizava a força para se consolidar no poder através de tortura, truculência, assassinatos. O general Golbery do Couto e Silva é considerado por vários historiadores o grande líder da corrente Castalista.

<sup>13</sup>Sobre este episódio bem como da criação do Projeto Folha ver a o relato de Cláudio Abramo em seu livro autobiográfico *A regra do jogo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988. Especificamente sobre a criação do Projeto Folha ver: LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. Mil Dias, São Paulo, Trajetória Editorial, 1988. Sobre uma análise crítica deste projeto ver: TASCHENER, Gisela. *Folhas ao Vento*. São Paulo, Paz e Terra, 1992; RIBEIRO, Jorge Cláudio. *Sempre Alerta: condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo, Brasiliense/Olho d'água, 1994. Por fim, RIBEIRO, José Hamilton em *Jornalistas: 1937 a 1997: A história da imprensa de São Paulo vista pelos que trabalharam laudas (terminais), câmeras e microfones*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1997.

Abramo é excluído deste projeto quando da greve dos jornalistas paulistas em 1979<sup>13</sup>.

### **À guisa de conclusão**

Na nossa concepção, o depoimento dos jornalistas entrevistados para a dissertação que originou este artigo, demonstrou claramente a mescla de dois elementos que são a marca desta geração de jornalistas: a utopia e o desencanto. O primeiro surge como algo que impulsionou a juventude dos anos 60 e 70. Nesse contexto, a geração de jornalistas que entrevistamos iniciou seu caminho profissional com a liberdade cerceada e gradativamente foi sentida a face mais dura do Regime Militar, com o apogeu do Ato Institucional nº 5. Mas quem também presenciou a Abertura política, uma famosa obra da engenharia política, como mencionamos anteriormente e que foi gerenciada e avalizada pela dupla Ernesto Geisel e Golbery do Couto e Silva. Em seguida, viu renascer o pluripartidarismo e com ele, os ventos da redemocratização cujo ápice foi o movimento que pedia a volta das eleições diretas para presidente. Finalmente, em 1985, assistiram o retorno do Poder Civil.

O cerne da questão envolve a reflexão sobre a atitude destes jornalistas: “foi uma atitude romântica ou não?”. Ao levarmos a indagação para os depoentes ficou clara uma divisão: para alguns sim, pois vislumbravam uma possível consolidação profissional atuando como jornalistas ligados a uma publicação alternativa. Para outros, não. Justificaram afirmando que, naquele difícil e conturbado momento de suas vidas, ser jornalista atuante numa publicação alternativa era a última atitude de resistência e contestação ao poder arbitrário que ali se instalava. Em suma, não havia uma outra opção. A posição referida repre-

senta a tônica da década de 70. Motivados pelos ventos do emblemático Movimento de Maio de 1968, o jornalista integra-se ao processo revolucionário que representa a transformação da sociedade, o anseio de uma busca que enverede pelo processo liberalizante.

Naquele instante, o espírito de missão do jornalista, evocado por Jorge Cláudio Ribeiro vive o seu auge sob a égide da emergente sociedade pós-industrial: a contestação, o viver aqui e agora, a imaginação no poder. Gradativamente, este sonho foi dando lugar a uma nova realidade: conformismo das novas gerações, traduzindo a reboque pelo anti-romantismo. No interior dessa realidade, o avanço de uma nova onda conservadora na política, na economia e também no comportamento das pessoas. Os anos 80 vêem esta nova geração chegar levando consigo o individualismo exarcebado e o pior: o senso de despolitização em ascensão.

A partir dos anos 90, o que anteriormente era um ensaio, acaba se consolidando; não é mais a crença no coletivo que estabelece os referenciais, não somente dos jornalistas, mas de todos os intelectuais. Atualmente, é a consolidação da alta tecnologia e da sociedade de consumo, onde sofisticadas técnicas de marketing estabelecem os referenciais: tudo é vendável.

Entendemos que os jornalistas entrevistados para essa pesquisa tiveram através de sua experiência na participação de equipes formadoras destas publicações, uma importante tentativa de transpor obstáculos de uma imprensa vulnerável as pressões externas. Neste caso, leia-se uma reação mais grandiosa aos rumos que o regime estava tomando.

Aos jornalistas participantes da imprensa alternativa e cujas entrevistas servi-

**“O cerne da questão envolve a reflexão sobre a atitude destes jornalistas: foi uma atitude romântica ou não?”**

ram de base para a nossa pesquisa, fica o mérito, ainda que por breves instantes, de terem conseguido demonstrar para os detentores do poder – os militares e parte da burguesia nacional – o papel de relatar, criticar e interpretar a conjuntura política nacional e social, função esta que é o pilar fundamental ao exercício de um jornalismo com compromisso público. O fato de não terem conseguido concretizar a implantação dessa imprensa não desmerece a sua representatividade como atores da história do jornalismo brasileiro.

### **Cassiano Scherer**

Cassiano Scherer de Oliveira é Mestre em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professor do Curso de Jornalismo na Faculdade de Social da Bahia.

### **Bibliografia**

AFONSO JÚNIOR, Delfim. Alternativa jornalística x poder editorial – Uma abordagem dos jornais político-culturais no pós 68. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília: Brasília, DF. 1982. Mimeo.

BRAGA, José Luiz. O Pasquim e os anos 70: mais pra epa do que pra oba. Brasília, D.F. Editora da Universidade de Brasília, 1991.

CALDAS, Álvaro. As cem flores da imprensa. In: *Jornal Muito +*. São Paulo: F.K. Editora. Ano VII. n° 27, p.11, novembro, 1999.

CAPARELLI, Sérgio. Comunicação de massa sem massa. São Paulo: Summus Editorial, 1986.

DANTAS, Audálio. (Org.) *Repórteres*. São Paulo: Editora Senac, 1987.

DUARTE, Celina Rabelo. Imprensa e redemocratização no Brasil: um estudo de duas conjunturas, 1945 e 1974-1978. Dissertação de mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, Mimeo, 1987.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural na esfera pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1984.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e revolucionários – Nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.

KUNCZIK, Michael. Conceitos de jornalismo: Norte e Sul – Manual de Comunicação. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Com Arte.

LEFEBVRE, Henri. Introdução à modernidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

MEDINA, Cremilda. Profissão jornalista: responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

OLIVEIRA, Cassiano Scherner de. Utopia e desencanto: trajetória de vida e rememoração na imprensa alternativa gaúcha. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre, 2000. Mimeo.

PEREIRA, Raimundo. A Opinião de Raimundo Pereira. Entrevista a Hamilton Almeida Filho. In: *Jornal EX-*. São Paulo, n° 12. Maio 1975. p.34-39.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. Sempre alerta – condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Editora Brasiliense/Olho d'água, 1994

RIBEIRO, José Hamilton. Jornalistas: 1937 a 1997: História da imprensa de São Paulo vista pelos que batalharam laudas (terminais) câmeras e microfones. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1997.

WEBER, Max. Ciência e política: duas vocações. São Paulo: Cultrix, 1999. 11ª ed.